ISSN 2175-1838
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Artigo científico

https://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634926

REVISTA Pistis & Praxis TEOLOGIA E PASTORAL

pistispraxis/index

PUCPRESS

O Simbolismo do Líbano e dos Cedros em Ct 5,15cd: Construção Poética e Teológica da Figura do Amado

The Symbolism of Lebanon and the Cedars in Song 5:15cd: The Poetic and Theological Construction of the Beloved

Susana Szarek [a]
São Paulo, SP, Brasil
[a] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Aíla Luiza Pinheiro de Andrade [b]
Belo Horizonte, MG, Brasil
[b] Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Como citar: SZAREK, Susana; PINHEIRO DE ANDRADE, Aíla Luiza. O Simbolismo do Líbano e dos Cedros em Ct 5,15cd: Construção Poética e Teológica da Figura do Amado. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2634926, 2026. DOI: http://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634926

Resumo

Este artigo analisa o simbolismo do Líbano e dos cedros em Ct 5,15cd, buscando compreender de que maneira essas imagens contribuem para a construção poética e teológica da figura do amado no Cântico dos Cânticos. A pesquisa parte da constatação de que esses elementos, amplamente difundidos na tradição da BHS, ultrapassam uma função meramente descritiva ou estética, assumindo importante papel simbólico

[a] Mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e-mail: profa.suss@gmail.com
[b] Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, e-mail: ailapinheiro@hotmail.com.br

na linguagem poética do texto. O estudo examina as ocorrências e os sentidos associados ao Líbano e ao cedro em textos do Antigo Testamento que dialogam com a linguagem simbólica presente em Ct 5,15cd, nos quais essas imagens aparecem vinculadas à majestade, à realeza, à fertilidade, à força, ao templo e à manifestação da presença divina. A análise desses paralelos permite compreender como o poema reelabora imagens tradicionais da literatura bíblica na construção poética e teológica da figura do amado. A partir de uma abordagem exegético-literária e intertextual, o artigo demonstra que a descrição do amado em Ct 5,15cd articula elementos da tradição régia e cultual de Israel, permitindo compreender o amado não apenas em sua dimensão amorosa e erótica, mas também como figura simbólica associada ao rei ideal, ao templo e, em determinados níveis hermenêuticos, à manifestação do sagrado. O artigo argumenta que a polissemia característica da poesia hebraica permite a coexistência simultânea de sentidos antropológicos, régios e teológicos, sem que um exclua o outro. Dessa forma, o estudo contribui para ampliar as possibilidades interpretativas do Cântico dos Cânticos, evidenciando a riqueza simbólica de sua linguagem poética e sua articulação com a tradição teológica da BHS.

Palavras-chave: Cântico dos Cânticos. Polissemia poética. Análise lexical. Intertextualidade bíblica. Tradição cultual.

Abstract

This article analyses the symbolism of Lebanon and the cedars in Song 5:15cd, seeking to understand how these images contribute to the poetic and theological construction of the beloved in the Song of Songs. The research is based on the observation that these elements, widely attested in the tradition of the BHS, transcend a merely descriptive or aesthetic function, assuming an important symbolic role within the poetic language of the text. The study examines the occurrences and meanings associated with Lebanon and the cedar in Old Testament texts that engage with the symbolic language present in Song 5:15cd, in which these images are connected with majesty, kingship, fertility, strength, the Temple, and the manifestation of the divine presence. The analysis of these parallels makes it possible to understand how the poem reinterprets traditional images from biblical literature in the poetic and theological construction of the beloved. Through an exegetical-literary and intertextual approach, this article demonstrates that the description of the beloved in Song 5:15cd articulates elements of Israel's royal and cultic tradition, allowing the beloved to be understood not only in terms of love and eroticism, but also as a symbolic figure associated with the ideal king, the Temple and, at certain hermeneutical levels, with the manifestation of the sacred. The article argues that the characteristic polysemy of Hebrew poetry allows the coexistence of anthropological, royal and theological meanings, without one excluding the other. In this way, the study contributes to expanding the interpretative possibilities of the Song of Songs, highlighting the symbolic richness of its poetic language and its articulation with the theological tradition of the BHS.

Keywords: *Song of Songs. Poetic Polysemy. Lexical Analysis. Biblical Intertextuality. Cultic Tradition.*

Introdução

O Cântico dos Cânticos destaca-se, no interior da BHS, pela riqueza de sua linguagem poética e simbólica na representação da experiência amorosa. Entre as diversas imagens utilizadas no poema, a comparação do amado com o Líbano e com os cedros, em Ct 5,15cd, ocupa lugar particularmente significativo devido à densidade simbólica que esses elementos assumem ao longo da tradição bíblica. Mais do que simples referências à beleza natural ou à grandiosidade física, o Líbano e os cedros evocam, em diferentes textos da BHS, ideias relacionadas à majestade, à realeza, ao templo, à fertilidade, à força e à presença divina.

Grande parte das pesquisas sobre o Cântico dos Cânticos concentra-se predominantemente na dimensão erótica, sapiencial ou alegórica do poema. Embora tais abordagens sejam fundamentais para a compreensão do texto, a recorrência intertextual das imagens do Líbano e dos cedros sugere a possibilidade de uma leitura mais ampla de Ct 5,15cd, capaz de integrar aspectos literários, simbólicos e teológicos. Nesse contexto, a descrição do amado ultrapassa o plano exclusivamente amoroso e passa a incorporar elementos associados ao imaginário régio e cultual de Israel.

O presente estudo analisa o papel das imagens do Líbano e dos cedros na construção do amado em Ct 5,15cd. Argumenta-se que tais imagens funcionam como símbolos régio-cultuais, ampliando a representação para além da dimensão erótica e incorporando elementos da tradição davídica e do imaginário do templo. Para isso, examina-se a rede intertextual das ocorrências dessas imagens na BHS, considerando seus principais campos simbólicos e suas relações com a tradição régia, templária e cultual de Israel. Parte-se da hipótese de que a linguagem poética de Cântico dos Cânticos 5,15cd articula múltiplos níveis de sentido, permitindo compreender o amado simultaneamente em dimensões antropológicas, régias e teológicas.

A análise busca evidenciar que o simbolismo do Líbano e dos cedros não possui função meramente ornamental no poema, mas participa ativamente da idealização do amado por meio de atributos tradicionalmente associados à excelência, à estabilidade, à eleição e à sacralidade. Em determinados contextos da tradição bíblica, tais elementos também estabelecem aproximações com o universo cultual e com a linguagem da presença divina, especialmente em passagens relacionadas ao Templo, à montanha sagrada e à manifestação da glória de Deus (1Rs 5–8; Sl 92,12-15; Is 60,13). Nesse sentido, a referência ao Líbano em Ct 5,15 não implica, por si mesma, uma conotação cultual, mas evoca um campo simbólico que, na memória literária e teológica de Israel, podia igualmente ser associado à esfera do sagrado. Dessa forma, o artigo procura demonstrar que a polissemia característica da poesia hebraica possibilita a coexistência de sentidos amorosos, simbólicos e teológicos, ampliando as possibilidades hermenêuticas do texto bíblico e favorecendo o diálogo entre exegese, teologia bíblica e estudos literários.

O debate exegético sobre Ct 5,15cd

O debate exegético em torno de Ct 5,15cd revela a complexidade hermenêutica das imagens do Líbano e dos cedros na descrição do amado. Embora exista relativo consenso de que tais metáforas evocam beleza, imponência e excelência, os intérpretes divergem quanto à profundidade simbólica e ao alcance teológico dessas imagens no interior do Cântico dos Cânticos.

No campo da exegese literária contemporânea, Exum (2005, p. 191-195) compreende a linguagem do poema prioritariamente em sua dimensão estética e poética. Para a autora, a referência aos cedros do Líbano pertence ao imaginário cultural do antigo Israel, no qual o cedro simbolizava luxo, fragrância, valor e imponência arquitetônica. Sua interpretação evita leituras alegóricas excessivas e enfatiza o caráter lírico da experiência amorosa presente no texto.

Nessa perspectiva histórico-cultural, Kaefer (2020, p. 87–102) demonstra que a região do Líbano integrava a complexa rede política e econômica do Antigo Oriente Próximo, sendo reconhecida por seus

recursos naturais, especialmente pela madeira de cedro, amplamente valorizada nas relações diplomáticas entre o Egito e as cidades-Estado cananeias. Em razão de sua raridade, elevada qualidade e do alto custo envolvido em sua exploração, transporte e comercialização, o cedro tornou-se um bem de prestígio reservado, em grande medida, às construções palacianas e cultuais, bem como aos empreendimentos promovidos pelas elites políticas e religiosas. Essa centralidade econômica e sociopolítica favoreceu sua incorporação ao imaginário simbólico do Antigo Israel, no qual elementos de reconhecido valor material passaram a expressar categorias de excelência, poder, estabilidade e magnificência. Nesse horizonte cultural, a tradição bíblica recorre frequentemente ao cedro do Líbano como metáfora da grandeza régia, da dignidade e da distinção (1Rs 5–8; Sl 92,12-15; Ez 31,3-9). Nessa perspectiva, a referência aos cedros em Ct 5,15cd ultrapassa uma descrição meramente física do amado, mobilizando um repertório simbólico compartilhado pelos antigos ouvintes, no qual o cedro evocava atributos de nobreza, imponência e excelência, contribuindo para a idealização poética da figura masculina.

Em perspectiva semelhante, Garrett e House (2004, p. 390–405) destacam o simbolismo erótico e sapiencial do Cântico. Ao interpretar a imagem da "porta de cedro" em Ct 8,9, os autores associam o cedro à integridade e à virgindade protegida da amada até o matrimônio. Nessa leitura, os elementos naturais permanecem vinculados predominantemente ao universo do amor humano e da sexualidade poética.

Por outro lado, Stadelmann (1993, p. 145–152) amplia a compreensão dessa imagem ao relacionar a figura do amado ao imaginário régio associado ao Líbano. Segundo o autor, a comparação com os cedros transcende a descrição da beleza física e mobiliza atributos tradicionalmente vinculados à realeza, tais como majestade, excelência e distinção. Nesse contexto, o emprego do termo hebraico בָּחוּר (*bāḥûr*), frequentemente traduzido como "escolhido" ou "de escol", reforça a caracterização do amado como uma figura idealizada, cujas qualidades evocam o modelo do rei ideal presente na tradição veterotestamentária. Nessa perspectiva, a metáfora amplia o campo semântico do poema ao articular dimensões eróticas, régias e teológicas, abrindo espaço, em determinadas tradições interpretativas, para ressonâncias messiânicas, sem que estas constituam o sentido primeiro do texto.

Em chave alegórica e espiritual, Claraval (1999, p. 130–145) interpreta o Cântico dos Cânticos como expressão da relação mística entre à alma e Deus. Nos Sermões sobre o Cântico dos Cânticos, as imagens do Líbano e dos cedros simbolizam a excelência espiritual, a elevação da alma e a beleza da presença divina, de modo que a linguagem amorosa do poema é compreendida como expressão da união mística entre o Amado divino e à alma contemplativa. Em diálogo com essa tradição interpretativa, Lim (2024, p. 319) observa que a recepção judaica antiga vinculou o *Cântico dos Cânticos* ao espaço sagrado do Templo, sobretudo no processo de sua canonização.

De modo diverso, mas igualmente atento à riqueza simbólica do texto, Pope (1977, p. 560-568) desenvolve uma abordagem histórico-filológica e comparativa. Em seu comentário crítico ao Cântico, Pope analisa os paralelos do simbolismo vegetal no antigo Oriente Próximo, destacando que os cedros do Líbano representavam força, prestígio e realeza em múltiplas tradições culturais semíticas. Embora reconheça a dimensão amorosa do poema, o autor admite que as imagens podem comportar associações cultuais e régias, sobretudo em razão da recorrência bíblica do cedro em contextos ligados ao templo, à monarquia e à manifestação da glória divina.

Nesse contexto, o principal ponto de tensão entre os exegetas reside na extensão do simbolismo atribuído ao Líbano e aos cedros. Alguns intérpretes privilegiam a dimensão estética, lírica e antropológica do poema, enquanto outros reconhecem abertura para leituras régias, espirituais e teológicas. A divergência evidencia a polissemia característica da poesia hebraica, cuja linguagem simbólica admite múltiplos níveis de sentido sem necessariamente anulá-los.

O presente estudo aproxima-se das leituras literárias de Exum (2005, p. 190-195), Garrett e House (2004, p. 402-404) ao reconhecer a centralidade da experiência amorosa e da dimensão poética do texto. Entretanto, considera que a recorrência intertextual do Líbano e dos cedros na BHS impede restringir essas

imagens ao campo exclusivamente erótico. Nesse aspecto, a pesquisa converge com Stadelmann, Bernardo de Claraval e Pope ao reconhecer que o simbolismo do cedro também evoca eleição, realeza, templo e presença divina. À luz dessa perspectiva, argumenta-se que Ct 5,15cd apresenta uma significativa densidade hermenêutica, uma vez que sua linguagem poética admite a articulação de dimensões amorosas, régias e teológicas, cuja coexistência amplia o horizonte interpretativo do texto sem comprometer seu sentido primeiro no contexto do Cântico dos Cânticos.

A descrição do amado a partir da mulher

A descrição do amado em Cântico dos Cânticos 5,10-16 apresenta ainda outro elemento relevante do ponto de vista literário e antropológico: a centralidade da voz feminina. É a mulher quem observa, interpreta e nomeia o corpo do amado. Ela conduz a cena poética, organiza as imagens e atribui sentido simbólico à corporeidade masculina.

Esse aspecto assume particular relevância quando analisado à luz do contexto sociocultural do Antigo Oriente Próximo, no qual frequentemente predominava o olhar masculino na elaboração da linguagem amorosa e das representações do corpo. Nesse cenário, o Cântico dos Cânticos distingue-se por conferir à voz feminina a iniciativa da contemplação e da descrição poética do amado. Longe de constituir um mero destinatário do desejo, o homem torna-se objeto do olhar admirativo da mulher, sendo seu corpo descrito por meio de imagens que evocam beleza, força, excelência e fecundidade. Tal configuração literária representa um dos traços distintivos do poema, ao ampliar os paradigmas da poesia amorosa veterotestamentária e evidenciar a reciprocidade que caracteriza a relação entre os protagonistas.

Isto permite perceber que o Cântico dos Cânticos não utiliza imagens tradicionais apenas para ornamentação poética. O poema realiza uma verdadeira ressignificação do imaginário bíblico. Símbolos ligados à sacralidade e ao poder são deslocados para o corpo humano e para a experiência do amor. Desse modo, o Cântico dos Cânticos preserva uma intuição teológica singular dentro da BHS: à realeza, ao culto e ao espaço sagrado são empregados para qualificar poeticamente o corpo do amado e a experiência do amor humano. Sob essa ótica, pode-se argumentar que o poema amplia o campo simbólico da linguagem teológica ao apresentar a relação amorosa como um possível lugar de manifestação da presença divina, sem deslocar ou substituir a centralidade das instituições cultuais de Israel. Desta maneira, o Cântico propõe uma releitura poética na qual a beleza dos corpos, a reciprocidade do amor e a experiência do desejo podem assumir, no âmbito da tradição sapiencial, uma significativa densidade simbólica e teológica.

A leitura contemporânea do *Cântico dos Cânticos* tem enfatizado a centralidade da voz feminina e a reciprocidade que caracteriza a relação entre os amantes, evidenciando que a construção poética do amado decorre do olhar e da experiência da amada. No caso específico de Ct 5,15cd, as imagens do Líbano e dos cedros aprofundam essa representação ao evocar atributos de majestade, excelência, estabilidade e vigor. Mais do que elementos de ornamentação literária, tais imagens conferem à figura do amado uma significativa densidade simbólica e teológica, associando sua beleza e imponência a valores que transcendem a descrição física e remetem à tradição bíblica e ao imaginário do antigo Israel (KEEL, 1994, p. 211–214; MURPHY, 1990, p. 181–183; POPE, 1977, p. 564–566).

Tal perspectiva confere ao Cântico dos Cânticos um caráter discretamente subversivo. Num universo frequentemente marcado pela religião, o livro devolve centralidade à experiência humana do amor, transformando o encontro entre os amantes em linguagem possível da comunhão, da vida e da presença divina.

Portanto, o poema celebra o amor, mas também desloca parcialmente a lógica unilateral do poder masculino. O amado não aparece como conquistador guerreiro ou soberano distante, mas como presença acessível ao desejo da mulher, numa dinâmica marcada pela reciprocidade e pelo reconhecimento mútuo.

Análise textual de Ct 5,15cd

A descrição das diferentes partes do corpo do amado, iniciada pela cabeça (Ct 5,11-13) e desenvolvida por meio das mãos (Ct 5,14ab), do abdômen (Ct 5,14cd) e das pernas (Ct 5,15ab), o poema conclui a *wasf* masculina com uma apreciação da aparência global do amado (Ct 5,15cd). Nesse momento, a descrição ultrapassa a enumeração dos atributos físicos e passa a sintetizar a impressão global que o amado desperta na amada. Nesse contexto, assumem especial relevância as comparações estabelecidas com o Líbano (Ct 5,15c) e com os cedros (Ct 5,15d), imagens que expressam a percepção da amada acerca da imponência, da excelência e da singularidade do amado. A investigação dessas metáforas permite compreender como a linguagem poética do Cântico dos Cânticos amplia a descrição corporal, atribuindo-lhe uma dimensão simbólica que articula elementos da natureza, da tradição bíblica e da experiência amorosa.

Texto em hebraico

v. 15c מַרְאֵהוּ כַּלְּבָנוֹן

v. 15c בָּחוּר כָּאֲרָזִים

Tradução para o português

v. 15c Sua aparência é como o Líbano,

v. 15d eleito como os cedros.

O aparato crítico da BHS não apresenta para os segmentos v.15c e 15d qualquer variante nos manuscritos antigos em hebraico e nas traduções antigas.

A estrutura literária de Ct 5,15cd

Os segmentos Ct 5,15cd são constituídos por apenas quatro palavras, organizadas em dois dicólons (2+2). Nessa breve estrutura poética, destaca-se a repetição da preposição כְּ(*ke*, "*como*") antes dos substantivos Líbano (v. 15c) e cedros (v. 15d), configurando a figura retórica símile ou comparação. Esse recurso consiste em aproximar dois elementos pertencentes a categorias distintas, estabelecendo uma relação de semelhança entre eles. No poema, a aparência do amado é comparada, primeiramente, ao Líbano, um espaço geográfico reconhecido por sua imponência e beleza (v. 15c), e, em seguida, aos cedros, árvores que simbolizam majestade, solidez e excelência (v. 15d). Por meio dessas imagens, o texto intensifica a idealização poética do amado e amplia o alcance simbólico de sua descrição.

Em contraste com os v.14-15ab, nos quais a amada comparou seu amado com pedras e metais preciosos, assim como ao marfim, que é de origem animal, agora a amada compara seu amado a um lugar, o Líbano, e a um vegetal, o cedro. Nota-se que em seu *wasf* descritivo, a amada volta a usar elementos do reino vegetal ao mencionar o *cedro* no v. 15d. Essa forma havia sido realizada também em relação aos *cachos* [dos cabelos] (v. 11b) em comparação com as tâmaras; das bochechas, com o canteiro perfumado (v. 13a); e dos lábios, com a mirra, que também é um produto de origem vegetal (v. 13d).

A configuração sintética dos dicólons em Ct 5,15cd não apenas organiza formalmente o versículo, mas intensifica o paralelismo semântico entre as imagens evocadas. A justaposição do Líbano e dos cedros sugere uma construção simbólica deliberada, na qual espaço geográfico e elemento vegetal convergem para expressar uma mesma ideia de excelência e elevação. Essa articulação indica que a linguagem comparativa não visa apenas descrever a aparência do amado, mas projetá-lo em um horizonte simbólico mais amplo, no qual categorias como majestade, estabilidade e distinção são evocadas de modo cumulativo.

Quadro 1 – **השוואות בין איברי הדוד לבין אלמנטים ממלכות הצומח בשיר השירים ה' 9–16**

Comparações de partes do amado com elementos do reino vegetal em Ct 5,9-16		
versículo	parte do corpo	Vegetal
v. 11b	cachos [dos cabelos]	Tâmaras
v. 13a	bochechas	canteiro perfumado
v. 13d	lábios	Mirra
v. 15d	aparência	Cedros

Fonte: elaboração própria (SZAREK, Susana), com tradução da autora a partir do texto hebraico de Cântico dos Cânticos 5,9–16.

Estudo Lexical e Simbólico dos Termos Principais

A análise dos vocábulos "aparência", "Líbano", "seleto" e "cedros" revela-se fundamental para a compreensão exegética de Ct 5,15cd, uma vez que esses termos constituem o núcleo semântico e simbólico da descrição do amado. No contexto da poesia hebraica, as palavras não operam apenas em nível descritivo, mas evocam campos de sentido amplos, construídos a partir de suas múltiplas ocorrências na BHS e de suas associações culturais no Antigo Oriente Próximo. Desse modo, o estudo lexical desses termos permite identificar suas nuances semânticas, enquanto a análise de seu uso intertextual evidencia suas conotações simbólicas relacionadas à realeza, ao templo, à eleição e à presença divina. Assim, a investigação desses vocábulos não apenas esclarece o sentido imediato do texto, mas também possibilita captar a densidade teológica e poética que sustenta a construção da figura do amado no Cântico dos Cânticos.

Análise lexical de mar'eh (aparência)

A palavra מַרְאֵהוּ (*sua aparência*) ocorre somente duas vezes no livro do Cântico dos Cânticos (Ct 2,14 e 5,15). Em contraste com o v. 5,15, no qual a amada fala da aparência do amado, em Ct 2,14, o amado é quem fala do rosto ou semblante da amada: "Minha pomba, oculta nas fendas do rochedo, e nos abrigos das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz. Tua voz é tão doce, e delicado teu rosto!"

Segundo Culver (1998, p. 1383-1387), a expressão "aparência" (*mar'ēhû*), empregada em Ct 5,15cd, deriva da raiz hebraica ראה(*rā'āh*), cujo campo semântico compreende os sentidos de "ver", "perceber", "contemplar" e "manifestar-se". O autor destaca que essa raiz ultrapassa a ideia do simples ato físico de enxergar, abrangendo também a percepção cognitiva e experiencial da realidade, bem como a manifestação visível da identidade, das qualidades e da condição de uma pessoa ou situação. Nessa perspectiva, a *aparência* do amado no Cântico dos Cânticos não se restringe à sua dimensão exterior, mas constitui uma expressão literária que revela sua grandeza, dignidade e excelência, perceptíveis por meio da contemplação amorosa da amada.

Quadro 2 – A recorrência de מַרְאֵהוּ (sua aparência) em Cântico dos Cânticos 2,14 e 5,15

מַרְאֵהוּ (sua aparência) em Cântico dos Cânticos		
Ct 2,14	הַרְאִינִי אֶת-מַרְאַיִךְ	mostra-me o teu rosto [semblante]
Ct 5,15	מַרְאֵהוּ כַּלְּבָנוֹן	seu rosto [semblante] como Líbano

Fonte: elaboração própria (SZAREK, Susana), com tradução da autora a partir do texto hebraico de Cântico dos Cânticos 2,14 e 5,15.

A palavra מַרְאֶה(*mar'eh*), traduzida como "aparência, aspecto, visão ou semblante", ocorre em diversas passagens da BHS, entre elas Gn 2,9; 12,11; 24,16; 26,7; 29,17; 39,6; 41,2.3.4; Ex 3,3; Lv 13,12.43; 14,37. Em seus diferentes contextos de uso, o termo pode referir-se tanto à percepção visual de realidades concretas quanto à descrição de características externas de pessoas, animais ou elementos da criação. Assim, מַרְאֶה é empregado para indicar a aparência do elemento vegetal descrito no jardim do Éden (Gn 2,9), a visão da luz da aurora (Jl 2,4), o aspecto do grande altar construído junto ao Jordão (Js 22,10) e a aparência das vacas belas e gordas, bem como das feias e magras, no sonho do faraó interpretado por José (Gn 41,2.3.4).

Na maldição pronunciada por Deus contra aqueles que não praticassem os mandamentos, menciona-se o aspecto aterrorizante da manhã e da noite, capaz de provocar temor no amaldiçoado (Dt 28,34.67). Em Levítico, o termo é utilizado para descrever a aparência da pele infectada ou não pela lepra (Lv 13,12.43), bem como a "lepra" da casa (Lv 14,37).

Entretanto, essa palavra não é aplicada somente a objetos, mas também às pessoas. Em diversos textos, aparece associada ao adjetivo "belo", sendo atribuída ao aspecto de mulheres como Sarai (Gn 12,11), Rebeca (Gn 24,16; 26,7), Raquel (Gn 29,17), Betsabé por quem Davi se apaixonou (2Sm 11,2) e Tamar, filha de Absalão e neta de Davi (2Sm 14,27).

Também alguns homens têm seu aspecto ou semblante descritos elogiosamente, como José (Gn 39,6), os jovens da corte de Daniel (Dn 1,13.15), Eliab, filho de Jessé e irmão de Davi embora rejeitado por Deus (1Sm 16,7), o egípcio ferido por Banaías (2Sm 23,21), bem como a figura descrita em Jó 4,16. O aspecto jovem, belo e delicado de Davi levou o gigante Golias a desprezá-lo (1Sm 17,42).

Por essas ocorrências, nota-se que a palavra מַרְאֶה (*aparência, aspecto, visão, vista)* se refere ao aspecto material percebido pelos sentidos, tanto de objetos quanto de pessoas. Contudo, não é possível determinar com precisão se o termo designa especificamente o rosto, a face, o busto ou o aspecto geral da pessoa. Essa compreensão contrasta com a visão divina do ser humano, pois Deus "não julga pelas aparências" (Is 11,3). De fato, "melhor é a aparência que os olhos veem do que a agitação dos desejos; também isso é vaidade e correr atrás do vento" (Ecl 6,9).

Contudo, essa palavra também é aplicada a visões ou aparições de natureza mística nos relatos da BHS. Algumas experiências visionárias são denominadas precisamente como מַרְאֶה (*visão*) (Dn 8,16.26). Ademais, em diversas visões místicas, esse substantivo é atribuído a elementos comparativos do mundo material, como o aspecto do candelabro mostrado por Deus a Moisés (Nm 8,4), a aparência da nuvem que cobria o tabernáculo (Nm 9,15-16), a visão de algo semelhante a um altar de madeira (Ez 41,21) e a aparência dos carros de combate que saqueavam Israel (Na 2,5).

Fala-se também do aspecto dos quatro seres vivos que apareceram a Ezequiel (Ez 1,5.13.14.16.26.28); do aspecto dos querubins, comparados às gemas de Társis junto ao rio Cobar (Ez 10,9.22); da visão da Caldeia, onde se encontravam os exilados (Ez 11,24); e da aparência do agrimensor, cujo aspecto parecia ser de bronze (Ez 40,3).

Em um texto sugestivo para a leitura cristã, menciona-se a aparência do Servo do SENHOR (Is 52,14) e do rebento que cresceu na terra, novamente em referência ao Servo do SENHOR (Is 53,2). A palavra מַרְאֶה

(aparência, aspecto, visão*)* também é utilizada em referência a Deus, como no aspecto do anjo de Deus (Jz 13,6) e na visão da sarça ardente (Ex 3,3). Afirma-se ainda que Moisés contemplou a "aparência*"* ou "forma" do Senhor (Nm 12,8).

Os paralelismos lexicais entre Ct 5,15c, Ex 3,3 e Nm 12,8 podem ser compreendidos como indícios de aproximações semânticas entre diferentes contextos da tradição bíblica, sem implicar, por si mesmos, uma relação direta entre esses textos. Todavia, no âmbito da tradição alegórica e da recepção teológica do Cântico dos Cânticos, tais convergências contribuíram para que a descrição do amado fosse interpretada como uma representação simbólica da presença divina ou da relação entre Deus e seu povo. Essa possibilidade interpretativa decorre menos da correspondência lexical isolada do que do conjunto de pressupostos hermenêuticos que orientaram a leitura espiritual do Cântico na tradição judaica e cristã.

A amplitude semântica do termo *mar'eh* sugere que sua utilização em Ct 5,15cd ultrapassa uma simples referência ao aspecto físico do amado. Considerando suas ocorrências em diferentes contextos da BHS, inclusive em textos visionários e teofânicos, o vocábulo pode indicar uma percepção que excede a dimensão estritamente visual e incorpora significados construídos no interior da tradição literária de Israel. Nesse sentido, a "aparência" do amado configura-se como uma categoria poética que articula percepção sensível e densidade simbólica. À luz das contribuições de Keel (1994, p. 182–194), Pope (1977, p. 565–583), Murphy (1990, p. 181–188) e Hess (2005, p. 169–177), essa caracterização não deve ser entendida como uma ruptura com o sentido literal do poema, mas como um recurso próprio da linguagem metafórica do Cântico dos Cânticos, que amplia a representação do amado mediante imagens culturalmente carregadas de significação. Desse modo, a descrição transcende o plano puramente físico ao incorporar valores de excelência, majestade e distinção reconhecidos no imaginário bíblico, sem perder de vista sua função primordial na construção da poesia amorosa.

Análise lexical de bahûr (eleito/seleto)

A forma בָּחוּר(*bāḥûr*), empregada em Ct 5,15, corresponde à um particípio passivo substantivado derivado da raiz verbal בחר(*bḥr*), cujo campo semântico compreende os sentidos de "escolher", "selecionar" e "eleger". A raiz בחר ocorre dezoito vezes na forma verbal na BHS (Ex 14,7; Jz 20,15.16.34; 1Sm 24,3; 26,2; 2Sm 10,9, entre outras ocorrências), enquanto o particípio בָּחוּר é utilizado para designar aquele que foi escolhido ou distinguido por qualidades excepcionais. Em Ct 5,15, essa forma não apenas qualifica o amado como alguém de excelência singular, mas também reforça sua caracterização idealizada no contexto da descrição poética (*wasf*), conferindo-lhe atributos de distinção e nobreza.

O termo בָּחוּר (*seleto, escolhido*) é utilizado, geralmente, em textos de conteúdo militar: os carros com os quais o faraó perseguiu os filhos de Israel eram seletos (Ex 14,7); os soldados israelitas também eram distinguidos como escolhidos que, na linguagem militar, constituíam um esquadrão de guerreiros de escol ou de elite (Jz 20,15.16; 20,34; 1Sm 24,3; 26,2; 2Sm 10,9; 1Rs 12,21, BHS). Em Jeremias, o castigo divino recai sobre um exército, mas somente os escolhidos perecem na batalha, pois Deus é representado sob a imagem de um leão à espreita, que ataca os que passam pelo vale (Jr 49,19; 50,44).

No Salmo 89, a eleição aparece associada explicitamente à figura de Davi, apresentado como o escolhido de Deus para exercer a realeza sobre Israel (Sl 89,20). Embora o contexto desse salmo seja distinto daquele de Ct 5,15, ambos os textos compartilham o campo semântico da eleição, expresso pelo emprego da raiz בחר(*bḥr*). Em Ct 5,15, o particípio בָּחוּר(*bāḥûr*) caracteriza o amado como alguém distinto e excelente, enquanto a comparação com os cedros do Líbano reforça sua imponência e singularidade. À luz da tradição bíblica, pode-se considerar, em nível intertextual, que a associação entre a escolha do amado e a imagem dos cedros favorece uma aproximação simbólica com temas relacionados à realeza davídica e ao Templo de Jerusalém, cuja construção empregou madeira proveniente do Líbano (1Rs 5,20.23.28; 7,2; 2Cr

2,7.15; 9,16.20). Essa aproximação, contudo, não decorre diretamente do texto de Ct 5,15, mas constitui uma possibilidade hermenêutica fundada nas ressonâncias canônicas produzidas pelo compartilhamento de imagens e vocabulário entre diferentes tradições da BHS. Nessa perspectiva, a polissemia característica da poesia do Cântico dos Cânticos favorece a construção de múltiplos níveis de significação. À luz de uma leitura intertextual, a descrição do amado pode suscitar no leitor a recordação de tradições relacionadas tanto ao ideal régio davídico quanto ao imaginário cultual do Templo de Jerusalém. Tais ressonâncias decorrem do compartilhamento de imagens e campos semânticos presentes na BHS e ampliam as possibilidades hermenêuticas do texto, sem comprometer seu sentido primeiro como poesia amorosa.

O uso do termo בָּחוּר(*bāḥûr*) em Ct 5,15cd, especialmente quando considerado em relação às ocorrências da raiz בחר(*bḥr*) em contextos de escolha e distinção, sugere que a caracterização do amado incorpora uma dimensão de excelência e singularidade. Derivado da raiz verbal בחר(*bḥr*), associada aos sentidos de "escolher", "eleger" ou "selecionar", o vocábulo pode designar aquele que se destaca em razão de qualidades reconhecidas, como força, vigor ou valor. Bowling (1980, p. 92–93) observa que בָּחוּר(*bāḥûr*) refere-se ao indivíduo selecionado ou distinguido dentre outros, sendo empregado em diferentes contextos do Antigo Testamento para caracterizar homens associados à juventude, ao vigor militar e a funções de relevância social. De modo complementar, House (2011, p. 123–130) destaca que a raiz בָּחַר(*bāḥar*) expressa a ideia de uma escolha deliberada, frequentemente relacionada à eleição de pessoas, povos, reis e lugares no âmbito da tradição bíblica.

Entretanto, a proximidade lexical entre Ct 5,15 e esses contextos de eleição não implica, necessariamente, identidade semântica ou equivalência teológica entre eles. Enquanto nos textos de caráter histórico, legislativo ou teológico a raiz בחר frequentemente está vinculada à ação soberana de Deus na escolha de Israel, de seus líderes ou de espaços sagrados, no Cântico dos Cânticos o termo está inserido em uma composição poética de natureza amorosa, na qual contribui para a idealização do amado. Dessa forma, o emprego de בָּחוּר(*bāḥûr*) amplia o horizonte simbólico da descrição ao evocar atributos de distinção, excelência e valor, estabelecendo possíveis ressonâncias com o vocabulário da eleição presente em outras tradições veterotestamentárias, sem reduzir o sentido do poema a uma leitura exclusivamente régia ou teológica.

Portanto, a caracterização do amado como בָּחוּר(*bāḥûr*) pode ser interpretada como um indício de sua elevação simbólica no interior da linguagem poética do Cântico dos Cânticos. Embora o vocábulo não possua, nesse contexto, o mesmo valor semântico de eleição presente nos textos em que a raiz בחר(*bḥr*) se refere à escolha divina de reis, povos ou lugares, sua utilização estabelece uma possível ressonância com categorias de distinção, excelência e reconhecimento presentes na tradição bíblica. Dessa forma, inserido no horizonte da poesia amorosa, o termo contribui para a construção idealizada do amado, atribuindo-lhe qualidades que ultrapassam a mera descrição estética e configuram uma imagem de singularidade, dignidade e valor. Desse modo, a linguagem do Cântico preserva sua dimensão erótica e literária, ao mesmo tempo em que dialoga com repertórios simbólicos mais amplos da BHS, nos quais a escolha e a distinção podem expressar a valorização de uma pessoa ou realidade considerada excepcional.

Simbolismo do Líbano

O Líbano aparece em alguns textos da Bíblia Hebraica inserido no horizonte geográfico da terra prometida, especialmente nas formulações que descrevem os limites ideais da herança concedida por Deus a Israel (Dt 1,7; 11,24; Js 1,4). Nesse contexto, Moisés manifesta o desejo de contemplar a terra prometida e a região do Líbano (Dt 3,25), indicando sua inclusão no imaginário territorial associado à promessa divina. Entretanto, essas referências devem ser compreendidas no âmbito da geografia teológica dos textos bíblicos, não significando necessariamente que Israel tenha exercido domínio político integral e permanente sobre toda a região do Líbano. O Líbano também aparece como referência geográfica na

delimitação dos territórios mencionados na tradição bíblica (Js 9,1; 13,5-6), embora a região fosse habitada por diferentes povos e marcada por relações complexas entre Israel e as populações vizinhas (Jz 3,3). Alguns textos associados ao período da conquista e da monarquia sugerem vínculos de influência, controle sobre determinadas áreas ou relações de cooperação e exploração de recursos, especialmente durante o reinado de Salomão, quando a madeira de cedro do Líbano foi utilizada em importantes construções régias e cultuais (Js 11,17; 12,7; 1Rs 5,20-24; 9,19; 2Cr 2,7.15; 8,6). Tais referências, contudo, não permitem afirmar um domínio político absoluto de Israel sobre todo o território libanês. Desse modo, mais do que uma simples referência territorial, o Líbano adquiriu, na tradição bíblica, uma expressiva densidade simbólica, associando-se à grandeza, à excelência, à estabilidade e à majestade, sobretudo por meio da imagem dos seus cedros. Sua relação com a construção do Templo de Jerusalém contribuiu ainda para sua vinculação ao imaginário régio e cultual de Israel. Nesse horizonte simbólico, a menção ao Líbano e aos cedros em Ct 5,15cd ultrapassa a dimensão geográfica, participando da idealização poética do amado ao evocar atributos de distinção, nobreza e excelência.

Segundo Nee (1984, p. 97) "o principal produto de exportação do Líbano para as regiões circunvizinhas era a madeira do cedro, célebre pela sua beleza, resistência, simbolismo e dimensão". A natureza dos cedros do Líbano, assim como de outros vegetais, era do conhecimento do rei Salomão (1Rs 5,13). O templo e palácio do rei Salomão havia sido construído com cedros importados do Líbano (1Rs 5,20.23.28; 7,2; 2Cr 2,7.15; 9,16.20). A liteira do rei Salomão era feita de *madeira* do Líbano (Ct 3,9), que segundo Exum (2005, p. 87), "tratava-se da madeira mais resistente, excelente e perfumada que poderia existir**".** A madeira importada era guardada na *"Casa da Floresta do Líbano"* (1Rs 10,17.21). A floresta do Líbano era sua eminente riqueza e fonte de recursos como que inextinguível, a não ser através da mão de um poderoso enviado por Deus (Is 10,34). O Segundo Templo, no tempo de Esdras, também havia sido reconstruído com cedros do Líbano e seu transporte havia sido feito com a autorização rei persa Ciro (Esd 3,7).

Hess (2005, p. 140) afirma que os montes do Líbano, com suas neves eternas (Jr 18,14), eram as montanhas por excelência da Palestina (2Rs 19,23; Jr 22,6.20.23), sendo ainda hoje visíveis a partir do vale do Jordão. De fato, algumas montanhas do Líbano atingem cerca de 10.000 pés de altitude (aproximadamente 3.048 metros), como é o caso do monte Hermon, localizado na atual fronteira entre o Líbano e a Síria.

Fig. 1 – Monte Hermón, localizado na atual fronteira do Líbano com a Síria. Fonte**:** Fotografia de Almog. *Wikimedia Commons*

Disponível em: https://commons.wikimedia.org. Acesso em: 24 jul. 2026.

Embora o Monte Hermon não corresponda diretamente ao território histórico do Líbano, sua localização na região do Antilíbano permite compreender o horizonte geográfico mais amplo no qual se insere o imaginário das montanhas setentrionais da BHS. A apresentação da imagem possui, portanto, uma função exclusivamente contextualizadora, auxiliando na visualização do ambiente natural associado às referências ao Líbano e às paisagens montanhosas presentes no repertório simbólico bíblico. Ressalta-se, contudo, que sua utilização não pretende estabelecer uma identificação geográfica direta com o Líbano mencionado em Ct 5,15cd, mas oferecer um apoio visual à compreensão do universo cultural e geográfico subjacente ao texto.

O Líbano e o Cedro do Líbano são símbolos do que há de mais elevado sobre a terra (Ez 17,3). De tal forma que os cedros do Líbano eram utilizados para a construção dos mastros dos navios (Ez 27,5). Não somente a altura, mas também a beleza das ramagens dos cedros do Líbano é exaltada (Ez 31,3), assim como seu perfume (Os 14,6; Ct 4,11), os vinhos do Líbano (Os 14,8), além de suas flores e frutos (Sl 72,16). Os cedros do Líbano são árvores plantadas pelo próprio Deus (Sl 104,16) e, devido à altitude na qual crescem, fazem jorrar águas vivas que descem do Líbano (Ct 4,15). O Líbano também poderia ser abençoado a ponto de transformar-se em jardim (Is 29,17). O crescimento do justo é comparado ao cedro do Líbano (Sl 92,13). O Líbano é tão fértil que somente a maldição divina pode torná-lo estéril (Ez 31,15.16; Na 1,4). O Líbano, quando destinado à destruição, é arrasado pelo fogo (Zc 11,1). Lugar de estabilidade, o Líbano é feito saltar pela voz do Senhor, e seus cedros, símbolos de resistência, são despedaçados pela voz divina (Sl 29,5.6). Esse castigo é descrito com violência aterrorizante (Hb 2,17).

O Líbano, frequentemente associado à estabilidade, à grandeza e à excelência, não aparece na tradição bíblica apenas como símbolo de imponência, mas também como realidade submetida à soberania divina. No Salmo 29, a voz do Senhor manifesta seu poder ao "despedaçar os cedros do Líbano" (Sl 29,5), imagens que representam a força e a majestade da criação diante da autoridade divina. Essa mesma tradição simbólica reaparece em textos proféticos, como Habacuque 2,17, no qual o Líbano é mencionado no contexto do juízo contra a violência e a devastação. Tais referências demonstram a complexidade do imaginário bíblico associado ao Líbano, que pode expressar simultaneamente grandeza, beleza, fragilidade e dependência diante de Deus. Esse horizonte simbólico contribui para compreender a força poética da menção ao Líbano e aos cedros em Ct 5,15cd, onde tais imagens são mobilizadas para exaltar a excelência e a distinção do amado.

O Líbano, contudo, representava simbolicamente o lugar da glória (Is 35,2; 60,13). O Rei de Judá, Amasias, intitulava-se como cedro do Líbano e ao seu inimigo, o Rei de Israel, Joás, como espinheiro do Líbano (2Rs 14,9; 2 Cr 25,18). De fato, os cedros do Líbano aparecem como metáfora dos mais poderosos da terra na parábola do rei Abimelec (Jz 9,15). Em linguagem figurada, os cedros representavam os poderosos da terra, capazes de se regozijar diante da derrota do opressor do povo protegido por Senhor Deus (Is 14,8; 37,24). Contudo, a maldição sobre o Líbano o tornará coberto de vergonha (Is 33,9). O Líbano não bastará para alimentar o fogo, e sua fauna não será suficiente para o holocausto (Is 40,16). O cedro do Líbano também simboliza o espírito orgulhoso e altivo (Is 2,13).

A amada é convidada a vir do Líbano para encontrar-se com o amado (Ct 4,8). Na tradição judaica, o Cântico dos Cânticos Rabbah (*Shir ha-Shirim Rabbah*) interpreta o topônimo "Líbano" (לְבָנוֹן) por meio de um jogo etimológico com לְבֵנָה("tijolo"), em razão da semelhança entre suas consoantes em hebraico. Essa associação remete aos tijolos da escravidão no Egito e permite compreender o chamado da amada como uma evocação da libertação de Israel, conduzido por Deus, o amado, da servidão para a liberdade (NEUSNER, 1989, p. 197-198). No desenvolvimento do poema, o Líbano permanece como uma imagem recorrente: à amada é descrita como perfumada pelos aromas do Líbano (Ct 4,11), o amado tem o aspecto comparado ao Líbano (Ct 5,15) e o nariz da amada é comparado à torre do Líbano (Ct 7,5).

A menção da amada pode, por um lado, reforçar a ideia de que sua descrição se refere justamente ao Templo de Jerusalém, com toda sua firmeza, esplendor e grandeza, construído com madeira de cedro

importada do Líbano (1Rs 5,20.23.28; 7,2; 2Cr 2,7.15; 9,16.20). Nesse sentido, conforme Davis (2003, p. 268), "há uma estreita relação entre Líbano e Jerusalém no interior na imaginação religiosa". "Líbano" torna-se uma palavra código para a glória de Jerusalém quando Deus a tomou por seu lugar. Por essa razão, o terceiro Isaías afirma, a respeito de Jerusalém arrasada, que "a glória do Líbano virá sobre ti" (Is 60,13).

Por outro lado, verifica-se que a comparação da amada evoca os atributos positivos do cedro do Líbano aplicados ao corpo do amado. Assim como" o amado é superior aos demais homens "(Ct 5,10), "os montes do Líbano eram considerados os montes por excelência na região" (2Rs 19,23; Jr 22,6.20.23). Assim como "o Líbano e o Cedro do Líbano simbolizam aquilo que há de mais elevado sobre a terra" (Ez 17,3), também "a altura do amado se destaca na multidão (Ct 5,10), tal como os mastros do navio construídos de madeira de cedro" (Jr 27,5). "Não somente a altura do amado-cedro, mas também sua beleza é exaltada, à semelhança das belas ramagens dos cedros do Líbano "(Ez 31,3). Há igualmente "o elogio do perfume" (Os 14,6; Ct 4,11) e "dos vinhos do Líbano" (Os 14,8), "comparados ao gosto da boca do amado e ao perfume de sua barba" (Ct 5,13), que se assemelham às flores e frutos abundantes do Líbano (Sl 72,16). O amado é abençoado por Deus, tal como os cedros plantados pelo próprio Senhor (Sl 104,16). A água viva que jorra e desce do Líbano (Ct 4,15) torna-se também fonte de alegria e admiração para a amada. O Líbano pode transformar-se em jardim (Is 29,17), assim como a amada é descrita como um jardim fechado ao qual somente o amado tem acesso.

Na tradição bíblica, atributos como força, beleza e fecundidade são frequentemente associados à representação de Deus, o que pode iluminar a leitura simbólica dessas imagens no texto. É possível interpretar que as imagens de perfume, vinho e beleza possam, em determinados níveis hermenêuticos, ser associadas a experiências de relação com Deus na tradição de fé do Antigo Israel.

O conjunto das ocorrências analisadas permite afirmar que o Líbano funciona, na tradição bíblica, como um marcador simbólico de excelência, frequentemente associado à realeza, ao templo e à manifestação da glória. Quando aplicado à figura do amado em Ct 5,15cd, esse repertório simbólico não opera de maneira neutra, mas contribui para elevá-lo a um estatuto que ultrapassa o âmbito da experiência amorosa comum. Assim, a referência ao Líbano pode ser lida como um recurso poético que inscreve o amado em um imaginário de grandeza e centralidade, aproximando-o de categorias tradicionalmente vinculadas ao poder régio e ao espaço cultual.

Simbolismo dos cedros

A palavra אֶרֶז (*cedro*), que no v. 15d ocorre no plural e precedida da preposição כְּ, na forma como כְּאֲרָזִים (como cedros), ocorre três vezes no livro do Cântico dos Cânticos (Ct 1,17; 5,15; 8,9), mas ocorre, em um total de setenta e três vezes (Lv 14,4;.6.49.51.52; Nm 19,6; 24,6; 2Sm 5,11, BHS).

Ao analisar o termo hebraico אֶרֶז (*'erez, "cedro*"). Domeris (2011, p. 737-739) ressalta que o cedro do Líbano ocupa posição privilegiada no imaginário do Antigo Testamento, em virtude de sua imponência, longevidade, resistência e da elevada qualidade de sua madeira. Essas características fizeram dessa árvore um símbolo de força, estabilidade, majestade e prestígio, frequentemente associado à realeza, ao culto e à manifestação da grandeza divina. Além de seu valor econômico e arquitetônico, especialmente na construção de edificações reais e sagradas, o cedro assume uma dimensão literária e teológica, representando aquilo que é elevado, sólido, duradouro e digno de honra.

Em consonância com essa perspectiva, Hamilton (1998, p. 118-119) observa que o cedro se destaca na tradição veterotestamentária não apenas por suas qualidades naturais, mas também por seu emprego na construção do Templo de Salomão e dos palácios reais, circunstância que reforça seu significado simbólico de excelência, dignidade e permanência. A recorrência dessa imagem na literatura bíblica demonstra que o cedro ultrapassa sua identificação botânica para tornar-se uma metáfora de grandeza,

nobreza e solidez, aplicada tanto a pessoas quanto a instituições e ao próprio relacionamento entre Deus e seu povo.

Esse horizonte simbólico ilumina a interpretação de Ct 5,15cd, no qual a amada afirma que o aspecto do amado é "como o Líbano, distinto como os cedros". A comparação não se restringe à descrição de atributos físicos, mas constitui uma elaboração poética que comunica qualidades de vigor, dignidade, estabilidade e magnificência. A beleza do amado é apresentada em estreita relação com sua nobreza interior, de modo que a imagem dos cedros do Líbano se torna uma metáfora da excelência integral da pessoa amada. Dessa forma, o poeta recorre a um dos mais expressivos símbolos da tradição bíblica para construir uma figura idealizada, cuja presença desperta admiração, segurança e encanto, conferindo à linguagem do Cântico dos Cânticos uma profunda dimensão estética, antropológica e teológica.

Para Semaan e Haber (2003, p. 415-417**),** o Cedro do Líbano (*Cedrus Libani*) é uma árvore conífera, de grande porte na idade adulta, nativa das montanhas da região do Líbano, Síria Ocidental e Turquia centro-meridional. No Líbano e na Turquia é abundante principalmente a altitudes entre os mil e dois mil metros. A árvore tem folhagem perene. A importância do cedro-do-líbano em diversas civilizações clássicas compreende-se pela diversidade de usos possíveis. A sua madeira, homogênea e aromática, foi bastante utilizada na antiguidade, pelos Fenícios, para construir as suas embarcações militares e comerciais, bem como para a construção de templos e habitação. Os Egípcios utilizavam a sua resina na prática da mumificação encontram-se, de facto, vestígios da sua serradura nos túmulos dos Faraós. Papiros antigos comprovam a grande comercialização entre o Líbano e o Egito desta madeira de distinção. Era ainda costume queimar-se este tipo de cedro em diversas cerimónias solenes.

A casa de Davi era construída de cedro (2Sm 5,11; 7,2; 1Cr 14,1), e embora David demostrasse escrúpulos a ponto de propor a construir de um templo de cedro para a arca, segundo a narrativa bíblica, Deus impede a construção do templo por Davi (2Sm 7,7; 1Cr 17,1.6.4). Salomão, além de conhecer e falar acerca da natureza dos cedros do Líbano, ordenou que fossem importadas madeiras de cedro dos sidônios (1Rs 5,20) para construir seu palácio (1Rs 5,13.20.22.24; 7,2.3.7.12; 9,11; 2Cr 1,15; 2,2.7) e o templo (1Rs 6,9.10.15.16.18.20.36). O interior do Templo de Jerusalém possuía peças esculpidas em cedro (1Rs 6,18). A administração de Salomão fez com que o cedro se tornasse tão abundante em Jerusalém como se não fosse madeira de uma árvore exógena (1Rs 10,27; 2Cr 9,27). O Segundo Templo também foi construído com madeira de cedro (Esd 3,7). Jeremias, contudo, condena o templo construído com cedros por iniciativa de Joaquim (Jr 22,7.14.15.23).

Em Ct 5,15cd, a comparação do amado com o Líbano e os cedros constitui uma das imagens poéticas mais expressivas do Cântico dos Cânticos. A referência ao Líbano evoca uma região reconhecida, no imaginário bíblico, por sua exuberância natural, imponência e riqueza florestal, especialmente pelos majestosos cedros, considerados símbolos de força, estabilidade, beleza e nobreza. Dessa forma, a metáfora ultrapassa a descrição física do amado, conferindo-lhe qualidades de majestade, solidez e excelência.

Conforme observa Römer (2017, p. 45), a história de Israel e de Judá desenvolveu-se no contexto geográfico do Levante, região que compreende os atuais territórios de Israel/Palestina, Jordânia, Líbano e Síria, espaço fundamental para a formação das tradições religiosas e culturais de Israel. Nesse horizonte, a menção ao Líbano em Ct 5,15 não representa apenas uma localização geográfica, mas evoca um símbolo amplamente reconhecido de grandeza e prestígio. Assim, a construção poética da figura do amado associa sua beleza à imponência dos cedros do Líbano, transformando elementos da natureza em linguagem teológica e sapiencial. O amado é apresentado como aquele que reúne força, dignidade, estabilidade e esplendor, características que expressam a perfeição do amor descrito no poema.

Casciaro (2005, p. 170-189) observa que a descrição do amado em Ct 5,10-16 constitui uma composição poética cuidadosamente estruturada, na qual cada imagem empregada possui profundo significado simbólico. A referência ao Líbano e aos cedros não se limita a uma descrição estética, mas expressa atributos como majestade, vigor, nobreza e permanência. O Líbano, célebre por sua exuberância e

pelos seus cedros, representa o ideal de excelência e beleza, enquanto os cedros simbolizam força, estabilidade e dignidade. Dessa forma, a comparação presente em Ct 5,15cd contribui para construir a figura do amado como modelo de perfeição humana, reunindo qualidades físicas, morais e espirituais que refletem a plenitude do amor celebrado no poema.

Para Cordero (1967, p. 957) a comparação do amado com o Líbano e com os cedros, em Ct 5,15cd, constitui uma das imagens de maior força expressiva do poema. O Líbano representa, no imaginário bíblico, a imponência, a fertilidade e a beleza da criação, enquanto os cedros simbolizam majestade, vigor, estabilidade e distinção. Ao recorrer a essas imagens, o poeta sagrado não pretende apenas descrever a aparência física do amado, mas comunicar sua excelência e dignidade por meio de símbolos profundamente enraizados na tradição veterotestamentária.

Nessa perspectiva, a expressão "seu aspecto é como o Líbano, excelente como os cedros"(Ct5,15) revela uma construção poética que ultrapassa a dimensão estética (POPE, 1977, p. 564-566; MURPHY, 1990, p. 181-183; KEEL, 1994, p. 211-214). O amado é apresentado como a personificação da beleza ideal, cuja presença inspira admiração e segurança. A referência aos cedros do Líbano reforça atributos de solidez, nobreza e permanência, frequentemente associados, no Antigo Testamento, à realeza, ao Templo de Salomão e às manifestações da grandeza divina. Desse modo, a metáfora integra elementos naturais e teológicos, transformando a criação em linguagem privilegiada para expressar a perfeição do amado e a plenitude do amor.

Bowling (1998, p. 767-770) destaca que, no Antigo Testamento, o Líbano é constantemente associado à fertilidade, à beleza, à abundância e à excelência de seus cedros, árvores reconhecidas por sua altura, resistência, durabilidade e valor econômico. Em razão dessas características, o cedro tornou-se um símbolo de grandeza, honra, estabilidade e majestade, sendo frequentemente utilizado para representar reis, nações, o Templo de Salomão e tudo aquilo que expressa magnificência e solidez.

A palavra “cedro” ocorre mais uma vez na já mencionada disputa entre os reis de Judá e Israel, respectivamente, Amasias e Joás (2Rs 14,9; 2Cr 25,18). Isaías afirmou que Deus humilhou o rei Ezequias cortando os seus cedros mais altos (2Rs 19,23; Is 37,24), pois o cedro é símbolo do orgulho e da altivez (Is 2,13). De fato, Abimelec, conhecido pela sua soberba, trata os cedros do Líbano, ou seja, os nobres de Israel como meros subalternos (Jz 9,15).

Deus promete construir o reino não com madeira comum de sicômoro, mas com madeiras de cedro (Is 9,9), pois os cedros são símbolos do poder e da realeza (Is 14,8). Somente Deus é capaz de fazer com que madeiras nobres, como o cedro, brotem no deserto (Is 41,19). O povo de Israel é comparado com diversas plantas entre as quais o cedro (Sl 80,11). As tendas de Jacó eram elogiadas pela fartura como o cedro à margem das águas (Nm 24,6). O justo cresce como o cedro do Líbano (Sl 92,13). Os cedros do Líbano, são por vezes, plantados pelo próprio Deus (Sl 104,16). Os cedros são personificados como participantes do louvor a Deus juntamente com as demais criaturas (Sl 148,9).

O cedro é símbolo da altura (Ez 17,3; Am 2,9), a tal ponto que os mastros dos navios eram construídos com madeira de cedro (Ez 27,5). O cedro também é uma imagem do povo de Israel reconciliado com o Senhor e que cresce com esplendor (Ez 17,22.23). A grandeza do faraó do Egito é comparada ao cedro (Ez 31,3.8). De fato, os poderosos também são representados pelos cedros (Zc 11,1.2). Mas quando estes não escutam a o Deus de Israel, a voz do Senhor despedaça os cedros do Líbano (Sl 29,5 duas vezes), apesar de sua célebre resistência, como se afirma a respeito da cauda de Beemot, que em sua robustez, é comparada ao cedro (Jó 40,17).

Tal como em algumas passagens anteriores, a figura do cedro é retomada em Cântico dos Cânticos ao tratar da solidez e da nobreza da casa do amado, pois, segundo o poema, as vigas da sua casa são de cedro (Ct 1,17). Conforme observa Exum (2005, p. 47), esta frase “não é narrativa, mas sim lírica”, por isso, para Nee (1997, p. 87) a imagem da madeira de cedro, como material nobre e resistente, pode ser interpretada simbolicamente como expressão de estabilidade e segurança, sendo posteriormente

associada, em tradições interpretativas, à relação entre o ser humano e Deus. Contudo, a interpretação dessa passagem não é unívoca, conforme a própria natureza do poema lírico. Para Garret e House, a porta de cedro "parece significar a virgindade protegida pelos irmãos até o momento do casamento" (1993, p. 428). Ademais, a amada, chamada também de irmã, é comparada a uma porta com pranchas de cedro, a fim de ressaltar sua firmeza (Ct 8,9).

A amada, ao descrever o amado como aquele cujo "aspecto é como o Líbano, excelente como os cedros" (Ct 5,15), evoca um conjunto de atributos tradicionalmente associados ao cedro, tais como nobreza, imponência, estatura e resistência (CASCIANO, 2005, p. 609; NEE, 1997, p. 37). Essas características explicam a recorrente utilização dessa madeira nas construções de maior prestígio do antigo Israel, integrando os palácios reais de Davi e Salomão, bem como o Primeiro Templo de Jerusalém e, posteriormente, o Segundo Templo.

Para Griffiths (2011, p. 48), como o cedro representava em algumas passagens, a glória humana arrasada pelo Criador no dia do julgamento (Jz 9,15; Zc 11,1.2), a imagem do cedro aplicada em Cântico dos Cânticos "pode se referir ao amor humano luxuriante, magnífico deleitável, mas não independente do Senhor, sob pena de ser extinguido através da destruição". De fato, o cedro também era um objeto digno de ser ofertado em sacrifício a Deus. O cedro não constitui um objeto sagrado em si mesmo, mas adquire significativa relevância simbólica e cultual em determinados contextos da tradição bíblica. Sua madeira é associada à construção de espaços de grande importância religiosa, como o Templo de Jerusalém (1Rs 5,20-24; 7,2), e aparece vinculada a práticas rituais específicas, incluindo usos relacionados aos processos de purificação (Lv 14,4-6; Nm 19,6). Dessa forma, o cedro participa do imaginário bíblico como elemento que articula excelência, durabilidade e distinção, podendo assumir uma função simbólica relacionada ao âmbito do sagrado quando inserido em contextos cultuais.

Segundo Bergant (2001, p. 72-89), se entendermos o amado como aquele a quem a amada dedica seu amor, mas também em determinadas leituras alegóricas ou teológicas, como o rei de Israel, como o Templo de Jerusalém, ou como uma figura que remete ao próprio Deus de Israel; não sem razão é possível atribuir aos significados associados à palavra "cedro", conforme a análise do contexto de suas ocorrências: força, resistência (firmeza), nobreza (excelência), estatura (altura) e santidade. Para Cordero (1967, p. 957), "as palavras da amada carregam um valor simbólico idealizador". O Cedro, enquanto representante da "natureza humana", segundo Nee (1997, p. 87), "vem a significar a excelência e elevação do caráter moral".

Entre os estudos mais recentes, Steinmann (2021, p. 7–9) compreende o cedro do Líbano como uma metáfora masculina que expressa majestade, força e excelência na tradição sapiencial. Em sua leitura de Ct 5,15, sustenta que, ainda que a imagem não seja interpretada sob uma perspectiva régio-cultual, a substituição da metáfora da macieira (Ct 2,3) pela do cedro evidencia a versatilidade da linguagem arbórea na caracterização literária do amado[1].

A recorrência do cedro em contextos associados à realeza, ao culto e à construção do templo sugere que sua função simbólica ultrapassa amplamente o campo da natureza. Em Ct 5,15cd, a comparação do amado com os cedros não apenas enfatiza atributos como altura, beleza e resistência, mas o insere em um campo simbólico ligado à nobreza e à sacralidade. No contexto do Cântico dos Cânticos, essas imagens tradicionais de majestade sofrem um deslocamento significativo. Diferentemente de outros textos da BHS, nos quais o cedro do Líbano aparece associado ao rei, ao templo ou à grandiosidade política de Israel, em Ct 5,15cd tais símbolos são assumidos no interior de uma fala amorosa pronunciada por mulher. Isso modifica profundamente a função das imagens.

O que anteriormente servia para exaltar poder, estabilidade e autoridade passa agora a integrar a linguagem do desejo e da reciprocidade amorosa. A mulher contempla o corpo do amado e o descreve

[1] O artigo está publicado no formato de número de artigo (article number), e não com paginação contínua da revista. No PDF disponibilizado pela editora, o artigo possui 09 páginas, numeradas internamente de 01-09.

mediante símbolos normalmente reservados à esfera régia e cultual. O homem deixa de aparecer prioritariamente como sujeito de domínio e torna-se corpo admirado, cantado e poeticamente interpretado pelo olhar feminino.

Nesse sentido, o Cântico opera uma transformação sutil, porém significativa, da simbologia tradicional israelita. A linguagem majestática do cedro é reinterpretada pela experiência amorosa, deslocando antigos emblemas de poder para o espaço da intimidade, da beleza compartilhada e da comunhão entre os amantes. O cedro opera como um mediador semântico que permite à linguagem poética articular dimensões antropológicas e teológicas, contribuindo para a construção de uma figura que participa, simultaneamente, do universo humano e de um horizonte simbólico mais elevado.

Considerações finais

A análise de Ct 5,15cd evidenciou que a descrição do amado, longe de se limitar a um elogio estético, articula um complexo campo simbólico sustentado por tradições amplamente atestadas na BHS. O exame lexical dos termos-chave demonstrou que expressões como "aparência" (*mar'eh*) não apenas indicam percepção sensível, mas podem, em determinados contextos, remeter também a dimensões visionárias e teofânicas. Do mesmo modo, a associação com o Líbano e com os cedros revelou-se carregada de significados que transcendem o plano natural, evocando ideias de majestade, elevação, estabilidade, eleição e sacralidade.

A investigação intertextual evidenciou que as imagens do Líbano e dos cedros possuem significativa presença no imaginário bíblico, especialmente em associação com a realeza, a construção do Templo e as tradições cultuais de Israel. Nesse horizonte simbólico, a caracterização do amado como aquele que se assemelha aos cedros do Líbano não se restringe à exaltação de sua beleza física, mas evoca atributos de excelência, estabilidade e distinção. A aproximação com o vocabulário da eleição, presente em tradições relacionadas à escolha de reis e figuras de destaque em Israel, permite compreender que a linguagem poética do Cântico dos Cânticos mobiliza ressonâncias régias sem reduzir o amado a uma figura exclusivamente régia ou monárquica.

Desse modo, a polissemia característica da poesia hebraica possibilita a articulação de diferentes níveis de significação: o amado permanece, em primeiro plano, uma figura humana inserida no contexto da experiência amorosa, mas sua descrição incorpora imagens culturalmente associadas à majestade, à excelência e ao universo religioso e cultural de Israel. Em leituras teológicas posteriores, tais associações favoreceram interpretações simbólicas mais amplas, nas quais o amado passou a ser compreendido como uma figura capaz de evocar a relação entre o humano e o divino. Contudo, essa leitura deve ser entendida como uma possibilidade hermenêutica decorrente da recepção do texto, e não como uma identificação direta estabelecida pelo sentido histórico-literário do poema.

Mais do que recorrer a imagens de grandeza natural ou régia, Ct 5,15cd promove uma ressignificação do imaginário bíblico ao deslocar símbolos tradicionalmente associados à majestade, à construção do Templo de Salomão e à realeza para o âmbito da experiência amorosa. Os cedros do Líbano, reconhecidos na tradição bíblica como imagens de força, excelência e distinção, deixam de operar apenas como referências ao poder régio ou à magnificência arquitetônica e passam a integrar a linguagem poética da relação entre os amantes. Nesse processo, o corpo do amado assume significativa densidade simbólica, tornando-se lugar de manifestação de valores como beleza, excelência e presença, que podem ser compreendidos, em perspectiva teológica, como mediação simbólica da experiência do sagrado.

Nessa perspectiva, o Cântico dos Cânticos pode ser compreendido, no âmbito de determinadas leituras teológicas e canônicas, como portador de uma intuição singular da tradição bíblica: à experiência amorosa humana pode constituir um espaço simbólico de percepção da presença divina. Tal interpretação, desenvolvida especialmente na tradição alegórica judaica e cristã, sugere que o poema não restringe o horizonte do sagrado às manifestes associadas ao poder, ao culto ou às instituições religiosas, mas também

reconhece densidade espiritual na reciprocidade do amor, na beleza compartilhada e na comunhão entre os amantes. Assim, em uma perspectiva hermenêutica, o Cântico desloca simbolicamente o centro da experiência do sagrado do espaço exclusivamente cultual para a relação, da representação da autoridade para a dinâmica do encontro e da dominação para a linguagem do desejo acolhido. Essa leitura, contudo, constitui uma possibilidade teológica derivada da recepção do texto, não uma afirmação explícita do sentido histórico-literário imediato de Ct 5,15cd.

Na tradição bíblica, o Líbano e os cedros constituem imagens associadas à força, à permanência e à distinção, especialmente em contextos vinculados à realeza, à construção do Templo e ao imaginário religioso de Israel. A madeira de cedro, reconhecida por sua durabilidade e qualidade, tornou-se um elemento simbólico relacionado a edificações de prestígio e a realidades marcadas pela estabilidade e pela importância social. Em Ct 5,15cd, contudo, esse repertório imagético é incorporado à linguagem poética da relação amorosa, adquirindo uma nova função no processo de caracterização do amado. As referências tradicionalmente associadas à majestade e à solidez passam a expressar atributos da pessoa amada, como singularidade, dignidade e valor. Desse modo, o Cântico dos Cânticos apropria-se de símbolos amplamente presentes na tradição bíblica e os reinscreve no horizonte da experiência amorosa, deslocando-os de uma esfera predominantemente institucional para uma dimensão relacional, sem perder a profundidade cultural e religiosa que essas imagens carregam.

Por isso, a imagem do amado "distinto como os cedros" não deve ser lida apenas como metáfora estética. Trata-se de uma releitura profundamente humana e teológica dos símbolos clássicos da tradição israelita. O que antes legitimava realeza e poder é agora ressignificado pela voz da mulher amante, que transforma os antigos emblemas de majestade em linguagem de intimidade e presença. Dessa forma, o estudo confirma que a força expressiva de Ct 5,15cd reside na polissemia característica da poesia hebraica, capaz de integrar erotismo, simbolismo e teologia em uma mesma construção literária. A descrição do amado, ao mobilizar imagens do Líbano e dos cedros, não apenas intensifica a idealização amorosa, mas também insere essa experiência no horizonte mais amplo da tradição simbólica de Israel, abrindo espaço para leituras que reconhecem, na linguagem do amor, uma possível mediação do sagrado.

Portanto, a investigação confirma que Ct 5,15cd constitui um dos mais expressivos exemplos da capacidade da poesia hebraica de articular, em uma única construção literária, experiência estética, simbolismo cultural e profundidade teológica. A análise lexical e intertextual demonstrou que as imagens do Líbano e dos cedros, profundamente enraizadas na memória religiosa e cultural de Israel, são ressignificadas no horizonte da experiência amorosa, conferindo ao amado uma densidade simbólica que ultrapassa a idealização estética sem perder seu caráter eminentemente humano. À luz dessas considerações, o estudo evidencia que a riqueza semântica do texto não apenas amplia a compreensão da poética do Cântico dos Cânticos, mas também reafirma sua relevância para a exegese bíblica contemporânea, ao demonstrar que a linguagem do amor constitui um espaço privilegiado para a elaboração de sentidos antropológicos e teológicos na tradição da BHS.

Referências Bibliográficas

BERGANT, D. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulus, v. 2, 1999.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson, 1996.

BOWLING, A. בחר (bḥr). In: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. (eds.). *Theological Wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980. v. 1, p. 92–93.

BOWLING, A. לְבָן. Líbano. In: HARRIS, R. L.; ARCHER Jr., G. L.; WALTKE, B. K. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 767-770.

CASCIARO, J. M. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Ave-Maria, 2005.

CORDERO, M. G. *Biblia comentada:* Libros sapienciales. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1967.

CULVER, R. D. רְאָה. Aparência. In: HARRIS, R. L.; ARCHER Jr., G. L.; WALTKE, B. K. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1383-1387.

DAVIS, E F. The Poetry of Exile. In: DAVIS, E. F.; HAYS, R. B. (org.). *The Art of Reading Scripture*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003, p. 255-271.

DOMERIS, W. R. אֶרֶז. In: VANGEMEREN, W. A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 1, p. 737-739.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

EXUM, J. *Song of Songs:* A Commentary. Louisville: Westminster John Knox Press, 2005.

GARRETT, D.; HOUSE, P. *Song of Songs /Lamentations*. Nashville: Thomas Nelson Inc, 2004.

HAMILTON, V. P. אֶרֶז. Cedro. In: HARRIS, R. L.; ARCHER Jr., G. L.; WALTKE, B. K (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 118-119.

HESS, R. S. *Song of Songs*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005.

HESS, R. S. *Song of Songs*. Baker Commentary on the Old Testament Wisdom and Psalms. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

HESS, R. S. לְבָן / לְבָנוֹן. In: VANGEMEREN, W. A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 2, p. 763-765.

HOUSE, P. R. בָּחַר. In: VANGEMEREN, Willem A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p.123-130.

HOUSE, P. R. בָּחַר. In: VANGEMEREN, W. A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 1, p. 639-643.

KAEFER, J. A. *As cartas de Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel*. São Paulo: Paulus, 2020.

KEEL, O. *The Song of Songs: A Continental Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1994.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. מַרְאֶה. Aparência. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. (eds.). *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1994–2000. v. 2, p. 634-635.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. לְבָנוֹן. Libano. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. (eds.). *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1994–2000. v. 1, p. 521-522.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. בָּחוּר. Secreto. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. (eds.). *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1994–2000. v. 1, p. 115-116.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. אֶרֶז. Cedro. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. (eds.). *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1994–2000. v. 1, p. 90-91.

LIM, T. H. Allegory and the Canonization of the Song of Songs. *The Journal of Theological Studies*, v. 75, n. 2, p. 312-319, 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/122807059/Allegory_and_the_Canonization_of_the_Song_of_Songs. Acesso em 28 jul 2026.

MURPHY, R. E. *The Song of Songs*. Hermeneia. Minneapolis: Fortress Press, 1990.

NEE, W. *O Cântico dos Cânticos*. Belo Horizonte: Betânia, 1984.

NEUSNER, J. *Song of Songs Rabbah*: An Analytical Translation. Atlanta: Scholars Press, 1989.

OSWALT, J. N. בָּחַר. Seleto. In: HARRIS, R. L.; ARCHER Jr., G. L.; WALTKE, B. K. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 167-168.

POPE, M. H. *Song of Songs:* A New Translation with Introduction and Commentary. Garden City: Doubleday, Anchor Bible, v. 7C, 1977.

RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). *Biblia Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

RÖMER, T. *A origem de Javé:* o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2017.

SEMAAN, M.; HABER, R. *In situ conservation of Cedrus libani in Lebanon:* Acta Horticulturae, Leuven, v. 615, 2003.

STADELMANN, L. I. J. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Loyola, 1993.

STEINMANN, A. E. He Is Like a Tree: Arboreal Imagery for Humans in Biblical Wisdom Literature. *Religions*, v. 12, n. 10, 2021. Disponível em https://www.mdpi.com/2077-1444/12/10/804. Acesso em 28 jul. 2026.

VAN PELT, M. V. רָאָה. In: VANGEMEREN, W. A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 3, p. 1110-1115.

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 02.07.2026 / 07.02.2026

Aprovado/Approved: 28.07.2026 / 07.28.2026